

# O IMPACTO DO USO DE NARRATIVAS INTERTEXTUAIS NA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Felícia Neres Dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo discorre sobre a importância de se trabalhar a intertextualidade, uma vez que ela está presente em todas as fases da vida e em diversos textos e materialidades. Objetiva-se, com esta pesquisa, discorrer sobre textos que podem ser vistos como meras cópias, sendo esta visão equivocada, visto que intertexto tem sua própria definição e características. A abordagem deste trabalho é qualitativa, pois não iremos apresentar nele números e estatísticas para caracterizar uma pesquisa quantitativa, mas narrativas e reflexões. Para tal, iremos apresentar uma reflexão acerca de uma proposta didática com foco em uma turma do 4º ano do ensino fundamental inicial, tendo como base a narrativa Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque.

**Palavras-Chave:** Intertextualidade; Chapeuzinho Vermelho; Chapeuzinho Amarelo.

**Abstract:** This article discusses the importance of working with intertextuality, since it is present in all stages of life and in various texts and materialities. The objective of this research is to shed light on texts that can be seen as mere copies, and this view is wrong, since intertext has its own definition and characteristics. The approach of this work is qualitative, as we will not present numbers and statistics to characterize a quantitative research, but narratives and reflections. To do so, we will present a reflection on a didactic proposal focused on a 4th year class of initial elementary school, based on the narrative Chapeuzinho Amarelo, by Chico Buarque.

**Keywords:** Intertextuality; Chapeuzinho Vermelho; Chapeuzinho Amarelo.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo o “Dicio”, dicionário online de português, intertextualidade é uma “Composição de texto usando outro como base, pode ser feita por meio de citação, paródia ou paráfrase”. Sendo assim, podemos dizer que utilizamos um recurso intertextual sempre quando trazemos um elemento de uma obra para dentro de outra, ou seja, sempre haverá uma relação entre elas. Porém, devemos enfatizar que mesmo utilizando uma obra para construir outra, não podemos de forma alguma confundir e fabricar cópias. Logo, pretende-se demonstrar com esse artigo, os inúmeros benefícios de se trabalhar intertextualidade na educação infantil, como por exemplo, estimular a criatividade e imaginação delas.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Polo Iporá sob a orientação do professor Dr. Bruno Silva de Oliveira.

De acordo com o artigo “A Intertextualidade Aplicada ao Contexto Pedagógico” de (2013) de Alexandre Santos Silva, André Karaszuk Taniguch e Leonardo Cordeiro Ribeiro, com a intertextualidade “É possível fazer com que o interesse do aluno se aguçe por uma relação de um texto que ele conheça previamente com um texto que ele não conheça, e fazer assim, uma ponte de saberes e conhecimentos de que possa ser aperfeiçoado ao logo de sua vida estudantil” (p. 2)

Deve-se, desde cedo, encorajar a utilização deste recurso linguístico como algo livre e significativo para quem as faz, pois, a intertextualidade parte de uma interpretação pessoal. É importante ressaltar que apesar de termos liberdade para criar a partir de uma obra já construída, não podemos fazer de forma alguma cópias, tão pouco incentivar tal ação junto às crianças, pois estaria sendo um equívoco do que é a intertextualidade, além de causar um déficit no ensino, uma vez que a cópia, enquanto exercício, percorre um caminho e não permite à criança vivenciar inteiramente sua natureza.

Iremos aqui discutir como a intertextualidade de clássicos da literatura infantil têm evoluído ao longo dos anos e quais são os possíveis impactos desses na formação das crianças. Jaz aqui a questão, será que esses textos intertextuais, em específico os que abordamos aqui “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque e se há alguma relevância no trabalho com quais obras a fim de contribuir com a formação desses alunos?

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar como os textos intertextuais impactam a vida das crianças na educação infantil. Pretende-se ainda com essa pesquisa conceituar o termo “intertextualidade”. Como também propor uma ação/ projeto de ensino/ de intervenção, voltado para os textos intertextuais de “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque; bem como trazer uma reflexão de como são expostos esses textos para as crianças e como elas as interpretam. Ainda se espera elencar pontos positivos para que pais e professores trabalhem a intertextualidade com as crianças.

## **2 CONCEITO DE INTERTEXTUALIDADE**

Como já citado acima, de acordo com o site Brasil escola, “Intertextualidade é a presença textual de elementos semânticos ou formais que se referem a outros textos produzidos anteriormente”. Não há de fato um consenso de quem tenha cunhado o termo “intertextualidade”, mas, o mais certo é que o termo tenha surgido inicialmente na obra de Bakhtin, apesar de que em

toda sua obra o termo “intertextual” só aparece uma única vez. Por isso, há as controvérsias que poderia haver um erro de tradução em sua obra. Em todo caso, o termo só viria a ficar famoso em 1967, após Julia Kristeva utilizar a palavra em algumas de suas obras. Kristeva usou algumas obras de Bakhtin como *Problemas de poéticas de Doestoiévski* (1963) e *A obra de François Rabelais* (1894) como referência para produzir as dela. Ainda segundo ela, Bakhtin acreditava que todo texto se construía a partir de citações. “Todo texto é absorção e transformação de outro texto” (apud LOPES, 2003, p. 72,)

Como dito acima, o termo intertextualidade surgiu e viria a ser reutilizado por Julia Kristeva em 1969 para contextualizar o que agora sabemos que, Mikhail Bakhtin na década de 20, compreendia por dialogismo. Ou seja, intertextualidade e dialogismo são duas variações de termos para aponta fenômenos próximos. Vemos também que alguns estudiosos explicariam esse fenômeno como “antropofagia”, se olhada de um ponto de vista crítico de uma reescritura intertextual. Outro ponto que nos chama a atenção, é que, existe a possibilidade de uma relação direta entre arte moderna brasileira e a intertextualidade. Isso porque como iremos apontar nas próximas páginas, uma obra coexiste com outra, valendo-se de elementos linguísticos e imagéticos de outras.

Já Tania Franco Carvalhal, em *Intertextualidade: a migração de um conceito* (2006), explica que a noção de intertextualidade é algo muito importante. Sendo um dos princípios básicos da teoria textual, é útil ao estudo das relações literárias. Assim, o termo migrou para os estudos literários desde seu emprego por Julia Kristeva, como já abordamos aqui, para caracterizar a produtividade textual a partir do conceito de dialogismo de Bakhtin. A autora ainda defende que a intertextualidade, cunhada por Kristeva, é explicada como uma propriedade do texto literário, que “se constrói como um mosaico de citações, como absorção e transformação de outro texto” (p.127). Logo, a intertextualidade, como já vimos, passou a significar um procedimento indispensável à investigação das relações entre os diversos textos. Tornando-se assim figura chave para a leitura. Carvalhal conclui sua reflexão dizendo, “Se a noção de intertextualidade trouxe para a literatura comparada uma revitalização, também lhe provocou um grande desafio: a sua permanente redefinição como prática de leitura que remete constantemente a outros textos” (p. 135).

Vinícius Carvalho Pereira aponta, no artigo “Microintertextos: Releituras Literárias de Shakespeare em memes da internet” de (2015), Cita a internet como um exemplo de intertextualidade, uma vez que essa está rodeada de microintertextos, como ele cita: “Nesse caso,

quem joga não é um profissional ou alguém que tenha a chancela de ‘artista’ diante da sociedade: trata-se de um usuário que, domesticamente, remedeia o texto literário em gêneros sucintos e populares, compartilhando o produto de sua intervenção com seus amigos” (p. 2). Isso significa que o tempo todo lidamos com intertextualidade na internet, por mais que não reparemos tanto no dia a dia quando estamos compartilhando por exemplo, um “meme’ com amigos; a intertextualidade está presente todos os dias em nosso cotidiano, mesmo que desprezemos muitas vezes a forma ortográfica correta, estamos sempre replicando textos ou enunciados de outros. Lembremos que a intertextualidade parte do princípio que acontece sempre que um texto possui uma referência implícita ou explícita a outro texto.

Já no artigo “Mutações na leitura: A intertextualidade como marca na literatura infantil contemporânea” (2016), Elaine Cristina da Silva Martins, Adair de Aguiar Neitzel e Aline Amaral Freitas apontam que os livros de literatura infantil têm passado por transformações. Para fazer essa afirmação, os autores analisaram duas obras de literatura infantil contemporânea, Felpe Filva (2007 Furnari, Eva) e Abrindo Caminho (Machado, Ana Maria 2010), com a problemática: Como essas obras exploram a intertextualidade? É enriquecedor como a intertextualidade está presente além de estar visíveis as marcas que atestam a presença de outros textos. O que nos confirma mais uma vez a importância de se trabalhar intertextos, resalto aqui mais uma vez o valor de conhecermos sempre as duas obras.

No artigo “Adaptações, Releituras e reescrituras de clássicos literários brasileiros”, Alba Regina Azevedo Arana, Fernanda dos Santos Lorenti, Gustavo Gasque Albano e Tamara da Silva Ferreira buscam trazer uma reflexão quanto à importância dos clássicos literários brasileiros e suas releituras, buscando assim mostrar que todo tipo de leitura é válido desde que seja feita de maneira efetiva. Os autores ainda confrontaram as mais diversas opiniões de se ler adaptações e chegaram à conclusão de que ler uma adaptação não é algo ruim, mas uma boa forma de se trabalhar para que futuramente o aluno possa ter uma base para ler o clássico em sua real forma e originalidade. Assim, acredito que devemos explorar os textos literários em sua melhor forma, sendo originais ou releituras, resalto que o educando só tem a ganhar conhecendo a obra original e sua releitura, pois assim ele aprenderá a distinguir, além de possibilitar um leque maior de possibilidades e criatividade. Reitero que reescritura/adaptações pode e deve ser encaradas como arte de recriar, pois permitem a criatividade e a expressão de seus adaptadores. Porém, salvo que criatividade e

liberdade de “expressão” devem ser limitadas sempre à fidelidade da obra respeitando sempre a ideia original do autor.

Para complementar, no artigo *A Intertextualidade e Suas Origens* de Luciano Corrales, ele afirma que

Falar de Intertexto e de literatura comparada nos exige inicialmente perceber que ao lermos um texto (A) estamos lendo também um texto (B), e, este entrecruzamento de “vozes” percebidas ou levemente transparentes é algo que perpassa a escrita, e em especial a literatura, ao longo de todos os tempos (p.1).

Ou seja, sempre que falamos de intertexto devemos ter a noção que falamos de mais de um único texto, o que deve redobrar nossa atenção, a fim de que possamos compreender a leitura e fazer essa correlação. Corrales, em seu artigo, de forma resumida, busca fragmentos na Idade Média, no comparatismo e Formalismo Russo, nas teorias de Genette, Bakhtin, Kristeva, os quais são fundamentais para se fazer uma genealogia do termo e possibilitar uma compreensão sobre a origem da intertextualidade utilizado na análise literária. Outro ponto importantíssimo que o artigo traz é as discussões acerca das cópias, originalidade e direitos autorais, que também é inerente à intertextualidade; o que nos interessa, na medida em que falamos de intertextualidade, pois estabelece uma relação entre as demais. O texto deixa explícito a importância da compreensão dos termos, uma vez que produz literatura comparada é entender a relação entre, no mínimo, dois textos, ou seja, estabelecer “Intertextos”.

### **3 UMA COMPARAÇÃO ENTRE AS CHAPEUZINHOS**

Neste artigo, propomos analisar dois textos para contextualizar a intertextualidade, sendo eles “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque, por meio de um paralelo entre as duas obras. Importante enfatizar mais uma vez que, segundo o *Oxford Languages and Google*, “intertextualidade é a influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida”.

“Chapeuzinho vermelho” é uma narrativa bastante conhecida e que já sofreu bastante adaptações, mas sempre mantendo sua essência. A versão de Perrault nos fala sobre uma garotinha que usava sempre um capuz vermelho sobre a cabeça, logo seu apelido surgiu assim. Certa vez, sua mãe pediu que ela levasse alguns bolinhos para sua avó que estava doente, assim Chapeuzinho

fez, porém, no meio do caminho, ela depara-se com o terrível lobo mal que acaba por trapacear fingindo indicar um caminho mais curto a fim de que ele conseguisse chegar até a casa da avó da garota primeiro. Ele consegue e acaba por devorar a avó da menina. Não só satisfeito em devorar a pobre velha, o lobo mal ainda disfarça-se para passar-se pela pobre senhora e mesmo que Chapeuzinho desconfiasse da aparência de sua avó falando aquelas frases que todos conhecemos como “Minha avó, que olhos grandes você tem” (PERRAULT, 2010 p.81) ou “Minha avó que dentes grandes você tem” (PERRAULT, 2010 p.81), o lobo mal acaba por devorá-la também.

Já a história da *Chapeuzinho Amarelo* (2006), é uma obra que faz um intertexto com o conto “Chapeuzinho Vermelho”, e talvez seja menos conhecida da população. Em resumo, a história fala de uma menina que era amarela de medo, tinha medo de absolutamente tudo. Por isso, recebeu lhe esse apelido. Chapeuzinho Amarelo não gostava de fazer nada, pois tinha medo de que as coisas descem errado, era uma menina que nem mesmo sorria ou brincava. A história até relata que a menina nem mesmo pegava sol, pois tinha medo de sua sombra, nem mesmo dormia com medo de ter pesadelos, e de todos seus medos o que ele mais temia era o de encontrar o tal do lobo mal, mesmo que esse lobo nunca se via ou talvez nem existia. Certa vez, Chapeuzinho acabou encontrando esse lobo, mas, para sua surpresa, ela não sentiu medo, o lobo ficou triste por aquela menina não se assustar com ele, tentou lhe passar medo, mas não conseguiu. Por fim, todo medo que Chapeuzinho Amarelo tinha acabou-se após conhecer o tal lobo.

Analisando as duas histórias, percebemos que ambas as protagonistas usam um objeto em comum, as duas usam um capuz em suas cabeças, porém uma usa um vermelho, e a outra um amarelo. A história de Chapeuzinho vermelho conta sobre uma menina valente que não se assustou com o lobo mal e acabou confiando nele, ela acabou caindo em uma armadilha sendo sua avó e ela por ele ceifadas. Já a de Chapeuzinho Amarelo fala de uma menina amarela de medo, e de todos o que mais a assustava era o medo do tal lobo mal, provavelmente por conhecer o trágico fim que levava Chapeuzinho Vermelho, e mesmo sem nunca tendo o visto morria de medo. Porém, quando Chapeuzinho Amarelo de fato encontrou com o lobo, contrariando todas as expectativas, ela não sentiu o menor medo, e acabou se livrando dele que mal nenhum lhe fez, e com isso perdeu-se todo os seus medos.

Podemos então observar que ambas histórias trazem uma menina com capuz para personagem principal e também que ambas histórias possuem o lobo mal e que em cada versão o lobo tem uma personalidade, em todo caso ele se faz necessário. Chapeuzinho vermelho fala de

uma garota corajoso, prestativa que não percebeu o perigo a sua volta e por isso acabou sendo devorada, junto de sua avó. Já a Chapeuzinho Amarelo fala de uma menina triste, que morria de medo de tudo, principalmente do lobo mal, mas que quando viu o lobo não se intimidou, não lhe deu muita conversa e ali ela percebeu que talvez nem todos os lobos sejam realmente maus e diferente da primeira história, chapeuzinho amarelo conseguiu sair viva. Outro fato importante para observamos diz respeito à capa de cada livro, cada capa diz respeito com o capuz que sua protagonista usa, mas, mais do que isso, o autor também usa isso na intenção de caracterizar/apresentar como suas personagens realmente são. Chapeuzinho Vermelho tem o vermelho como cor predominante porque é corajosa, destemida uma vez que o vermelho lhe arremete a isso. Chapeuzinho Amarelo já traz na capa o amarelo o que está relacionado com a sua personagem, já que o livro conta sobre uma menina que chegava a ser amarela de medo. Então, percebemos que chapeuzinho amarelo tem como base para sua história chapeuzinho vermelho, o que fica claro aqui o intertexto entre as duas obras.

#### **4 UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM A INTERTEXTUALIDADE**

Tendo como intuito elaborar uma sequência didática que tenha como foco a intertextualidade, selecionou-se como objeto de trabalho a narrativa Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e o conto de fadas de Charles Perrault, Chapeuzinho Vermelho. E estabeleceu-se como público-alvo os alunos do 4º ano do ensino fundamental inicial. Destaco que a sequência de ações e atividades aqui propostas não é fechada em si, que é uma proposta, pode alterada e adaptada de acordo com a necessidade de cada professor e a realidade de cada sala de aula; e que essa proposta de sequência é teórica, uma vez que não foi possível aplicá-la em sala de aula.

Como dito, visando atender crianças em fase de educação infantil, iremos trabalhar intertextos, pois ele se faz presente em toda fase de desenvolvimento, e espera-se que elas sejam capazes de identificar intertextos logo cedo. Dentro do conteúdo, espera-se: trabalhar a identificação de Intertextualidade; leitura e interpretação; e a produção de um intertexto tendo por base Chapeuzinho Vermelho. Dentro dos objetivos gerais, destacamos: compreender o nível de leitura e interpretação de cada criança, assim como ampliar o conhecimento de intertextos de forma lúdica e significativa; e proporcionar um ambiente com ações educativas. E, de forma específica,

esperamos: desenvolver a compreensão de intertextualidade; descobrir as potencialidades e habilidades dos alunos; e estimular a imaginação afim de que produzam seu próprio intertexto.

Assim, sugerimos a seguinte sequência de ações/atividades:

#### 1º Aula

O professor iniciará a aula fazendo perguntas pertinentes ao tema a fim de conhecer o conhecimento prévio de cada aluno, perguntas como: você sabe o que é intertextualidade? Você já presenciou alguma vez? Explicarei a eles que isso acontece sempre quando vemos a presença textual de elementos que se referem a outros textos já produzidos anteriormente. Pergunte também se conhecem a história de “Chapeuzinho Vermelho” de Charles Perrault? e “Chapeuzinho Amarelo” de Chico Buarque? Em seguida, apresente a eles, nessa primeira aula, a história de Chapeuzinho vermelho. Nesse momento, trabalharemos a leitura coletiva em voz alta, como também a interpretação, ainda solicitarei para os alunos que anotem em seus cadernos quais características da história chamaram mais sua atenção.

#### 2ª Aula

Na segunda aula, será o momento de os alunos conhecerem a história de Chapeuzinho Amarelo. Novamente, faremos uma leitura coletiva, mas, diferente da primeira aula, será pedido que eles façam um paralelo de forma oral entre as duas histórias pegando por base suas anotações que fizeram na aula passada.

Espera-se que os alunos observem detalhes como o acessório em suas cabeças, o lobo presente em ambas as histórias, perguntarei se eles se identificam mais com “Chapeuzinho Vermelho” que é destemida ou com “Chapeuzinho Amarelo” que era muito medrosa.

#### 3ª Aula

Agora tendo contextualizado o termo “intertexto” bem como, trabalhado as duas histórias com os alunos, iniciaremos a aula solicitando que eles produzam um intertexto tendo por base a história de “Chapeuzinho Vermelho”. Explicarei a eles que podem trocar a cor de seus chapéus, podem ou não manter o lobo, havendo também a possibilidade de trocar por outro animal, propiciando sempre um espaço e um momento de produção que seja criativo.

#### 4ª Aula

Já na nossa quarta e última aula, Depois dos alunos ter conhecido o termo “intertexto”, bem como produzido um. Solicitarei que eles apresentem na frente para a turma as suas produções, que eles façam a leitura, bem como avaliaremos juntos como os textos dialogam com o texto base.

Quanto a avaliação, observarei o envolvimento e interação dos alunos referente às atividades propostas, e o cumprimento de etapas e crescimento individual e coletivo, como também o produto final entregue pelo aluno.

Essa proposta didática foi produzida pensando nas habilidades e competências que os alunos do 4º Ano poderiam desenvolver. Bem como escrita, leitura e interpretação textual, e o conhecimento de intertextos. A ideia de ter como produto final a produção de um intertexto, e para que se não tenha dúvida de que o aluno não só aprendeu intertextualidade, como é capaz de produzir seus próprios intertextos. Ficando assim o aprendizado e também fixando mais uma vez que intertexto não é o mesmo que cópias, mesmo que parta de uma obra já pronta. É preciso soltar a imaginação e criar novos roteiros, personagens ou caracterizações.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio desse artigo, defendemos a importância de se trabalhar intertextualidade logo nos anos iniciais, afinal o intertexto está presente em toda parte, desde histórias infantis a textos conhecidos como “memes” na internet como já abordamos aqui.

Outro ponto importante que se fez necessário a produção deste artigo, foi para termos a noção que intertextualidade tem sua própria definição, e por mais que ele parta de um pressuposto que ele sempre existirá de uma ideia já criada, devemos sempre usar ao nosso favor, criando novos roteiros, personagens, características e expandir nossa imaginação, jamais fabricando meras cópias, o que seria um total desrespeito ao tema.

É importante ressaltar que a leitura de intertextos, de forma alguma nos causa defasagem, pois é uma obra única, mesmo que parta de uma já existente. O que nos dá a oportunidade de fazer duas leituras e analisar o que elas tem ou não de similar. É interessante observar como o autor consegue ter sua originalidade mesmo partindo de uma obra já construída.

Através de minhas pesquisas pude obter novos conhecimentos que sem dúvida me acompanharam durante toda minha vida profissional, isso porque o trabalho de conclusão de curso, nos permite aprofundar em leituras que se não fosse por esse momento, provavelmente não teríamos a oportunidade. Isto é, requer abdicar, pois é necessário “mergulhar fundo”, em pesquisas.

É preciso dizer que ao final é extremamente recompensante, pois nos superamos ao longo do trajeto inúmeras vezes, o que nos fortalece ainda mais pra que possamos trilhar o longo e constante caminho de estudo que requer a docência.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANA, Alba Regina Azevedo; LORENTI, Fernanda dos Santos; ALBANO, Gustavo Gasque, FERREIRA, Tamara da Silva Ferreira. ADAPTAÇÕES, RELEITURAS E REESCRITURAS DE CLÁSSICOS LITERÁRIOS BRASILEIROS. **Colloquium Humanarum**, vol. 11, n. Especial, Jul–Dez, 2014, p. 738—745.

BUARQUE, Chico. Chapeuzinho Amarelo. 41ª ed. Belo Horizonte; Editora Yellowfante, 2019  
CARVALHAL, T. F. (2006). INTERTEXTUALIDADE: A MIGRAÇÃO DE UM CONCEITO. **Via Atlântica**, 1(9), 125-136.

CORRALES, Luciano. A intertextualidade e suas origens. In: 70 anos : a FALE fala. 10ª Semana de Letras, 2010, Porto Alegre. Recurso eletrônico... Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARTINS, Elaine Cristina da Silva; NEITZEL, Adair de Aguiar; FREITAS, Aline Amaral. Mutações na leitura: a intertextualidade como marca na Literatura infantil contemporânea. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau – vol. 11, n. 2, p.611-633 ago./nov. 2016.

MATOS, Talliandre. "Intertextualidade", Brasil Escola, Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/intertextualidade-.htm>. Acesso em 22 de outubro de 2022.

PEREIRA, Ângela Márcia Fernandes. **Releitura dos contos de fadas por meio de cordéis na perspectiva do letramento literário**. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. Microintertextos: releituras literárias de Shakespeare em memes de internet. In.: **Anais eletrônicas do XV Encontro Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)**. Belém, Pará, 2015. [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456109259.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456109259.pdf)

PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In.: **Contos de fadas: de Grimm, Andersen & outros**. Apresentação Ana Maria Machado. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010, p. 77 – 82.

SILVA, Alexandre Santos da; TANIGUCHI, André Karaszuk; RIBEIRO, Leonardo Cordeiro Ribeiro. A intertextualidade aplicada ao contexto pedagógico. **Revista Pandora Brasil**. [http://revistapandorabrasil.com/revista\\_pandora/letras\\_89/25.pdf](http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/letras_89/25.pdf)

ZANI, R. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121–132, 2006. 2003.



## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Ao(s) 11 (onze) dia(s) do mês de novembro de dois mil e vinte e dois, às 14 (catorze) horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos docentes: Dr. Bruno Silva de Oliveira (orientador), Dra. Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva (membro), Me. Nadya Jakellya dos Santos Reinaldo Tosta (membro), para examinar o Trabalho de Curso intitulado “O IMPACTO DO USO DE NARRATIVAS INTERTEXTUAIS NA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL” do(a) estudante Maria Felícia Neres Dos Santos, Matrícula nº 2018205221350818 do Curso de Licenciatura em Pedagogia e Educação Profissional e Tecnológica na Modalidade a Distância. A palavra foi concedida ao(a) estudante para a apresentação oral do TC, houve arguição do(a) candidato pelos membros da banca examinadora. Após tal etapa, a banca examinadora decidiu pela APROVAÇÃO do(a) estudante. Ao final da sessão pública de defesa foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora.

---

Dr. Bruno Silva de Oliveira - Orientador/Presidente da Banca

---

Dra. Rosemeire de Souza Pinheiro Taveira Silva - Membro

---

Me. Nadya Jakellya dos Santos Reinaldo Tosta - Membro

---

Maria Felícia Neres Dos Santos - Acadêmica

# TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano a disponibilizar gratuitamente o documento em formato digital no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

## IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese (doutorado)            | <input type="checkbox"/> Artigo científico              |
| <input type="checkbox"/> Dissertação (mestrado)      | <input type="checkbox"/> Capítulo de livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia (especialização) | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input checked="" type="checkbox"/> TCC (graduação)  | <input type="checkbox"/> Trabalho apresentado em evento |

Produto técnico e educacional - Tipo:

Nome completo do autor:

Matrícula:

Título do trabalho:

## RESTRIÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique:

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano:  /  /

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

## DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O(a) referido(a) autor(a) declara:

- Que o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- Que obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autoria, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- Que cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Local

/  /

Data

Assinatura do autor e/ou detentor dos direitos autorais

Ciente e de acordo:

Assinatura do(a) orientador(a)